VOOS CURTOS

POEMAS

EMIL DE CASTRO

Voos Curtos

VOOS CURTOS

I
Pássaros voando sobre o mar.
Re - pousam
Flor.

II

Gaivotas flanando sobre as águas
re- pousam
peixes.

III

Ai como dói não ser
sendo apenas voo:
pássaro cego.

IV

Onde está minha alma?
Um cavalo
para quem encontrá-la.

V

Vão-se os dedos.
Fica o anel no canto
do baú do Nava.

VI

Eis a vida:
convém comê-la
com uma salada verde.

VII

Guimarães Rosa desencantou-se
no Grande Sertão: Veredas.
Infinitou-se no azul.

VIII

Aprendiz de nada
tiro meleca do nariz.
Não sou Drummond.

IX

Um corvo po (e) sou no meu ombro
riu da minha cara
e partiu.

X

Segue, Náutilos,
o mar abre suas comportas
por onde penetrarás no seu reino.

XI

Bem te vi plantando esperança
no deserto de tua vida.
Quando choveu brotaram os sonhos.

XII

Quando nasci um diabinho bateu na minha bunda:
- Vai ser poeta.
Nunca mais me aprumei na vida.

XIII

Um fio invisível
que sustenta o universo.
Nunca vi uma estrela cair.

XIV

Morte.
Foda-se.
Não sou Deus.

XV

Quando caminho
vou catando ideias
que o vento sopra sobre mim.
Volto pra casa vazio.

XVI

Não sou pássaro.
Para que servem as asas que Deus meu deu
se não sei voar?

POEMAS 2020

I
O pássaro entrou na janela
do meu quarto
e se fez infinito na multidão
dos meu livros.

II
Escrever poema e não nascer poesia.
Escrever poesia e se perder no poema.

III
O mar se perdeu nas pedras
da costeira
e ninguém o encontrou mais.
IV
Não dizer nada.
Dizer náufrago da vida.

V
Um
Dez
Cem
Mil
sonhos e se perderam no infinito.

VI

Somente um grito na noite.
E ninguém ouviu que o mundo
se partiu ao meio.

VII
Uma estrela caiu do céu
e se afogou no mar da vida.

VIII

Uma estrela nasceu no meu estômago.
Deu uma piscada
e se apagou.
Era uma falsa estrela.

IX
O que é a morte?
O fim da vida ou o nascimento de um mundo novo?
O que é a vida?
O nascimento da morte de um mundo velho.

POEMAS 2020 II

I

A estrada por onde ando me leva ao nada.
Do nada nada sei.
Por isso sou um aprendiz do nada.

I

Tento inventar a vida; não, inverter a vida.
Medir a vida, ou mentir que ela não existe.
A vida é medida ou desmedida?
A minha é medida pela batida do meu coração.
É que a maioria das vezes sou um poeta romântico.
Quando a realidade me espanca, o coração diminui seu ritmo e lentamente vai pulsando.
Sei que um dia ele vai parar.
Que pare!

III

Por anda o poeta Augusto dos Anjos que não escuto mais no balcão da venda onde ia comprar pão e linguiça?
E Bilac, será que ainda está ouvindo estrelas?
E Alphonsus de Guimarães, por que caminhos de Minas andará?
E Manuel Bandeira que perdeu a paciência para esses mares tão mais compridos do que a Restinga da Marambaia?
Onde estão todos eles?

IV

Que farei com meus pecados?
Pensei em escrevê-los num papel e queimá-los.
Assim eles voltarão ao pó de onde vieram.
Depois, pensei. Como me sentirei sem os meus pecados?
A vida sem pecado não tem sentido.

V

Parei na encruzilhada da vida.
Duas estradas se abriram: a da infância e a da velhice.
Escolhi ir pela estrada da infância e me perdi.
Quando me encontrei já não era mais a criança que pensei que fosse.

VI

Moro na beira do mar.
Não tenho caniço nem anzol.
Não sou pescador de realidades.
Sou um pescador de sonhos.